

O Abolicionismo Entre os Pioneiros Milleritas: Suas Ideologias e Influências para a Igreja Adventista do Sétimo Dia

Leila Amaral Carvalho¹

Nicole Krusche Becker de Andrade²

Resumo: O presente artigo busca fazer uma análise do contexto histórico dos Estados Unidos da América, entre os anos de 1830 e 1844, no que tange a questão do regime de escravidão vigente na época, bem como os movimentos abolicionistas que se levantaram contra o sistema de trabalho escravo. Faz-se uma associação ao Movimento Millerita, um grupo religioso que pregava a volta de Jesus para o ano de 1844. Dentre os milleritas, encontravam-se personalidades que pregavam não só a volta de Jesus, mas também apoiavam o fim da escravidão. Como resultado, percebeu-se que o Movimento Millerita era formado majoritariamente por homens brancos; num momento da história em que havia uma divisão dos Estados Unidos entre Norte e Sul, com a presença da escravidão concentrada ao Sul e o Movimento Millerita sendo protagonizado ao Norte. Mesmo assim, destacaram-se alguns importantes homens que fizeram valiosas contribuições para ambos os movimentos.

Palavras-chave: Abolicionismo; Movimento Millerita; Escravidão; Ellen White.

Abstract: This article seeks to analyze the historical context of the United States of America between 1830 and 1844, with regard to the issue of the slavery regime in force at the time, as well as the abolitionist movements that rose up against the slave labor system. An association is made with the Millerite Movement, a religious group that preached the return of Jesus in 1844. Among the Millerites, there were personalities who preached not only the return of Jesus, but also advocated for end of slavery. As a result, we will see that the Millerite Movement was formed mainly by white men; at a time in history when there was a division of the United States between North and South with the presence of slavery concentrated in the South and the Millerite Movement being led in the North. Even so, we highlight some important men who made valuable contributions to both movements.

Keywords: Abolitionism; Millerite Movement; Slavery; Ellen White.

.....
¹ Leila Amaral Carvalho. Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Especializada em Gestão Educacional. E-mail: leila.carvalho@unasp.edu.br.

² Nicole Krusche Becker de Andrade. Graduanda em Administração pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail nicolekrusche@hotmail.com.

1. Introdução

Com a assinatura da Declaração de Independência, a partir de 04 de julho de 1776, os Estados Unidos da América alcançaram sua independência da Grã-Bretanha. Desde então, os Estados Unidos passaram por uma série de acontecimentos e movimentos que moldaram a nação. Um dos aspectos marcantes dos Estados Unidos, bem como de outras novas nações das Américas, foi a presença, mesmo após a independência, da mão de obra escrava como uma parte importante do regime político, econômico e cultural do país. Como consequência dessa prática hoje considerada desumana, surgiram pessoas liderando grupos que se moveram em prol da libertação dos escravos ([FANTON; MAIA, 2017](#)).

Paralelo ao movimento abolicionista, os Estados Unidos, constitucionalmente um estado laico, protagonizam, por volta da década de 1830, um movimento religioso que prega a iminente volta de Jesus. Conhecido como o Movimento Millerita, por ter sido encabeçado por William Miller, vemos adeptos do abolicionismo desenvolvendo contribuições para os dois movimentos: millerismo e abolicionismo.

Há indícios de trabalho milerita entre a população negra, mas isso não é destacado nas publicações adventistas. Essa situação resultou parcialmente do fato de que era um movimento branco liderado por homens, como eram praticamente todas as causas na época. Além disso, o milerismo foi um movimento do norte, numa época em que a grande maioria dos negros ainda vivia no sul dos Estados Unidos ([KNIGHT, 2015, p. 108](#)).

Mesmo não sendo possível mensurar, por falta de registros históricos, qual a influência do trabalho dos milleritas entre a população negra, se destacam dentro do movimento alguns importantes pioneiros para a causa, que além de pregarem a volta de Jesus, também desprendiam esforços na causa da abolição da escravatura. Dentre eles destacam-se: William Miller, Joshua Himes, Charles Fitch e Joseph Bates.

2. Escravidão nos Estados Unidos Entre as Décadas de 1830 e 1844

Desde o nascimento dos Estados Unidos, o comércio da mão de obra escrava gerou tensão entre as regiões. No Sul, região onde viviam mais negros, estados como a Carolina do Sul e Geórgia a escravidão era dominante; já os estados da região da Nova Inglaterra eram de onde vinham os principais traficantes negreiros. Sob a liderança do presidente James Monroe, 5º presidente dos Estados Unidos, a partir de 1820, a

participação no tráfico negreiro se tornou crime de pirataria. Esse marco histórico aflorou sentimentos ainda mais firmes nos opositores da escravidão. Na década de 1830, os antiescravistas recorreram à Constituição dos Estados Unidos para argumentar que a carta magna não resguardava a propriedade privada de escravos, o que era um dos principais argumentos usados pelos defensores da mão de obra escrava ([MARQUES, 2017](#)).

Durante a maior parte da década de 1830, os Estados Unidos foram governados pelo militar e estadista Andrew Jackson, que buscou a expansão territorial, endossando o uso da mão de obra escrava, como aponta Santos:

[...]o governo de Jackson também se caracterizou por ações que mesclavam a expansão em direção ao Oeste, o alargamento da fronteira escravista no sul do país e uma política bastante agressiva em relação às populações indígenas. O presidente democrata, como a maior parte dos defensores do expansionismo norte-americano, exaltava a conquista de novos territórios, o individualismo e a figura do *self-made-man* ([SANTOS, 2024, p. 8](#)).

A jovem nação americana cresceu rapidamente entre as décadas de 1830 e 1840. As discussões raciais influenciavam os temas políticos. Segundo Baptist (2019), no Norte, onde a escravidão não era dominante, os negros viviam em condições diferentes dos que viviam no Sul, onde eram severamente escravizados para o trabalho nas plantações de algodão. “No Sul, a sociedade se divide em mestres e escravos; a distinção da burguesia e da democracia é ali secundária” ([CHEVALIER, 1836b, p. 375](#)). Ainda que o Sul detivesse a prevalência da mão de obra escrava, ali também havia a presença dos antiescravistas. Marques aponta que:

Desde o reinício dos debates acerca da escravidão em novos territórios nos anos 1840, crescia o medo em alguns locais do Sul de que o tráfico interestadual de escravos pudesse levar a um gradual descompromisso com a instituição por parte de antigos estados escravistas como Maryland e Virgínia ([MARQUES, 2017, p. 355](#)).

Nos anos de 1841 a 1845, durante o governo do presidente de John Tyler, ações foram promovidas pelos executivos norte-americanos para combater os movimentos antiescravistas; uma destas foi a apresentação de uma moção ao Senado, ratificando que, para o Congresso Nacional, não havia distinção entre a propriedade escrava e os outros tipos de propriedades. Por este argumento seria justificável recusar a libertação dos escravos. A moção foi aprovada, mostrando à comunidade internacional que os Estados Unidos consideravam a escravidão uma entidade legal ([MARQUESE; PARRON, 2021](#)).

Essa luta entre os escravagistas e os antiescravagistas se perpetuou por anos. Anos esses de sofrimentos impostos às pessoas de pele negra, que, embora seres humanos, foram tratadas como objeto, propriedade, mercadoria. “Para assegurar sua continuidade, o escravismo moveu inúmeras batalhas judiciais, afirmando o direito do senhorio de ser proprietário de seres humanos, em toda parte do território e a qualquer momento” (NEGRO, 2021, p. 388). Esse período de luta e tensão se desenrolou por muitos anos, até que culminou com um grande e sangrento conflito, em 1861, que ficou conhecido como a Guerra Civil dos Estados Unidos, uma das guerras mais mortais da história americana.

Embora fosse um fenômeno social, as relações raciais influíram grandemente nas questões políticas dos Estados “livres” da escravidão. A questão escravista aumentou progressivamente através da primeira metade do século dezanove, culminando em uma nação polarizada e na Guerra Civil que abalou e debilitou a União. Enquanto a jovem nação cambaleava rumo à escura noite do conflito civil, muitos abolicionistas brancos arriscava a própria vida, falando abertamente contra a escravidão e a favor da sua imediata extinção (DOUGLASS, 2001, p.46).

A Guerra Civil foi um conflito entre os estados do Norte e os estados do Sul que levou à separação das regiões. Existiam vários desacordos, mas a questão da escravidão era o principal. Os estados do Norte eram livres, e o Sul escravista. O Norte saiu vitorioso da guerra, após 5 anos de conflito, e em 1865, finalmente formalizou-se o fim da escravidão; libertando milhões de afro-americanos que viviam em situação de escravidão no sul do país e reorganizando toda a economia e política dos Estados Unidos da América (IZECKSOHN, 2003).

Neste período conturbado da história americana, paralelo ao movimento abolicionista, ganhou força o Movimento Millerita, que mais tarde resultaria na formação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o qual pregava a volta de Jesus. Dentre os pregadores milleritas, alguns se destacaram por defenderem a causa abolicionista.

3. Figuras Milleritas e Suas Posturas Abolicionistas

William Lloyd Garrison, um dos mais destacados líderes abolicionistas dos Estados Unidos, foi editor do jornal semanal *The Liberator*, fundado em 1831 e reconhecido como uma das principais vozes do movimento abolicionista. Sua relação com o movimento Millerita, liderado por William Miller, foi complexa e multifacetada. Embora tenha criticado o movimento por sua “teoria absurda” e descrito seus seguidores

como “pessoas iludidas”, Garrison também reconheceu que muitos abolicionistas e outros reformadores foram atraídos por ele ([GRAYBILL, 1993](#)). Apesar de pensar no Millerismo como “pernicioso e insustentável”, Garrison reconheceu a sinceridade de seus líderes e admirou sua oposição ao que ele via como a hipocrisia de religiosos que se opunham ao movimento abolicionista. Ele chegou a chamar o segundo advento de “a pedra fundamental do arco do cristianismo” e elogiou seu potencial para desafiar a falsa piedade de muitos clérigos ([ARTHUR, 1993, p. 38, tradução nossa](#)).

A visão complexa de Garrison sobre os milleritas sugere uma conexão mais profunda entre o abolicionismo e o Movimento Millerita ([GRAYBILL, 1993](#)). Embora criticasse a teologia por trás do Millerismo, segundo Ronald [Graybill \(1993, p.141, tradução nossa\)](#), Garrison reconheceu que “os três principais líderes milleritas eram homens contra a escravidão”: Joshua V. Himes, William Miller e Charles Fitch. Essa sobreposição revela como o movimento abolicionista e o Millerismo compartilhavam ideais comuns de justiça social, mesmo que a visão de Garrison sobre o último fosse mais ambivalente ([GARRISON, 1893](#)).

Muitos pioneiros milleritas demonstraram um compromisso não apenas com sua fé, mas também com a defesa da justiça e da igualdade. Joseph Bates, Joshua V. Himes e Charles Fitch estavam entre os líderes cuja dedicação à mensagem adventista também incluiu seu envolvimento na causa abolicionista.

Seus esforços destacam a conexão entre a convicção espiritual e a reforma social, mostrando como sua esperança no fim do mundo alimentou uma necessidade moral de combater as injustiças da escravidão. Esta seção explora suas contribuições, mostrando como sua liderança dentro do Movimento Millerita serviu como uma plataforma para a promoção dos ideais abolicionistas.

3.1 William Miller

William Miller (1782–1849) foi um fazendeiro de Nova York e pregador batista que se destacou no movimento do Segundo Advento no início do século XIX nos Estados Unidos. Ele começou como deísta, mas depois de participar da Guerra de 1812, passou por uma grande mudança e se converteu ao cristianismo, questionando as crenças que

tinha antes. Decidido a entender melhor a Bíblia e resolver as dúvidas que surgiam, ele fez um estudo bem detalhado das escrituras. Com isso, chegou à conclusão de que a Segunda Vinda de Cristo estava próxima, e previu que aconteceria por volta de 1843, baseado em uma interpretação profética que seguia o método historicista e o princípio de "um dia como um ano." Apesar de a previsão não se concretizar, no que ficou conhecido como a "Grande Decepção" de 1844, o trabalho de Miller teve um grande impacto no pensamento religioso da época e ajudou a formar movimentos como a Igreja Adventista do Sétimo Dia, que nasceu a partir do grupo de milleritas. ([CROCOMBE, 2011](#)).

Embora não haja registro da participação ativa de William Miller em uma sociedade antiescravidão, ele ainda assim ganhou a reputação de ser um abolicionista confiável e prático ([GRAYBILL, 1993](#)). A posição de Miller sobre a escravidão pode ser entendida em suas próprias palavras, que refletem sua profunda convicção sobre o tema. Ele declarou:

Eles andam sobre duas pernas, como nós, têm braços e cabeças, como nós, têm crânios — mas você ousaria pensar que eles têm cérebros, meu irmão, como nós temos? Se eu pensasse que sim, quase seria tentado a acreditar que eles também têm sentimentos, corações e almas, como nós. E começaria a pensar que Deus planejou que deveríamos amá-los como a nós mesmos ([Ibid., apud MILLER, 1834, p. 140, tradução nossa](#)).

Essa declaração destaca a crença de Miller na igualdade natural e na humanidade compartilhada por todas as pessoas, independentemente da raça, e reforça sua posição como abolicionista, mesmo sem seu envolvimento formal em sociedades antiescravidão.

3.2 Joseph Bates

Joseph Bates (1792-1872) foi um homem de princípios, profundamente comprometido tanto com sua fé quanto com a justiça social. Nascido em 1792, passou mais de 20 anos como marinheiro, tornando-se eventualmente um respeitado capitão de navio. No entanto, um profundo despertar espiritual o levou a abandonar sua carreira marítima e se dedicar ao serviço cristão. Bates se tornou uma das principais vozes do Movimento Millerita, proclamando com paixão a mensagem de William Miller sobre a iminente volta de Cristo. Suas habilidades organizacionais e sua pregação dinâmica o

tornaram uma figura chave na divulgação dessa mensagem adventista, mesmo que isso exigisse grandes sacrifícios pessoais ([MORGAN, 2023](#)).

A participação de Bates no movimento abolicionista foi impulsionada por suas profundas convicções sobre a moralidade cristã e a igualdade humana. Sua postura contra a escravidão foi tão firme que ele reconheceu abertamente os riscos pessoais envolvidos, lembrando uma vez: “Disseram-me que, se eu fosse para o Sul, os proprietários de escravos me matariam por ser abolicionista” ([CRISLER, 1927, p. 195, tradução nossa](#)). Mesmo assim, ele não se deixou intimidar e confrontou corajosamente um juiz que o acusou de tentar libertar escravos. Bates respondeu:

Sim, juiz, eu sou um abolicionista e vim pegar seus escravos—e você também! Quanto a pegar seus escravos, não temos tal intenção; pois, se o senhor nos desse todos os seus, não saberíamos o que fazer com eles. Ensinamos que Cristo está voltando, e queremos que todos sejam salvos ([CRISLER, 1927, p.199, 200, tradução nossa](#)).

Bates acreditava que a neutralidade diante da injustiça era incompatível com sua fé. Ele afirmou:

Por volta do final de 1831 e início de 1832, sociedades antiescravistas começaram a ser organizadas novamente nos Estados Unidos, defendendo a emancipação imediata. À medida que o trabalho avançava, os defensores da abolição eram maltratados e agredidos em muitos lugares onde tentavam organizar ou realizar reuniões para pleitear pelos pobres e oprimidos escravizados em nossa terra. Foi então que comecei a perceber a importância de tomar uma posição ao lado dos oprimidos. Meu trabalho na causa da temperança tinha peneirado muito o meu círculo de amizade, e não tinha o desejo de perder mais amigos. Contudo, o senso de dever me dizia claramente que eu não poderia ser um cristão coerente se apoiasse os opressores, pois Deus não estava com eles; tampouco poderia reivindicar Suas promessas se eu ficasse neutro. Portanto, a minha única alternativa era interceder pelos escravos. E foi o que decidi ([Ibid, p 175, 176, tradução nossa](#)).

Essas convicções aprofundaram o envolvimento de Bates em sociedades antiescravistas, que começaram a se formar no início da década de 1830, defendendo a emancipação imediata, apesar da grande hostilidade que enfrentavam. “todos os que abraçavam a doutrina da segunda vinda seriam e necessariamente deveriam ser defensores da temperança e da abolição da escravatura” ([BATES, 2017, p. 248, tradução nossa](#)).

A vida de Joseph Bates exemplificou a interseção entre devoção espiritual e ativismo social. Sua postura inabalável contra a escravidão, mesmo diante da oposição,

mostrou como sua fé alimentava tanto suas convicções morais quanto suas buscas espirituais.

3.3 Joshua V. Himes

Joshua V. Himes (1805-1895) se destacou como uma voz importante no movimento abolicionista do século XIX, integrando seu ativismo de forma profunda com suas convicções religiosas e princípios reformistas. Como líder do Movimento Millerita, Himes usou sua plataforma não apenas para divulgar a mensagem sobre o advento, mas também para lutar por questões de justiça social, as quais ele via como moralmente essenciais. Seu trabalho foi centrado em Boston, uma cidade que se tornou “um centro para a multiplicidade de movimentos sociais que prosperaram na América antes da Guerra Civil” (MORGAN, 2020, tradução nossa) e que forneceu um terreno fértil para causas como a abolição, a temperança e os direitos das mulheres (Ibid.). O envolvimento de Himes nesses movimentos sobrepostos refletiu sua crença de que fé e justiça estavam intrinsecamente ligadas.

Uma pessoa dinâmica e franca, Himes era conhecido por sua abordagem radical e entusiástica, o que o levou a defender a causa da abolição com grande fervor (Ibid.). Sua amizade com William Lloyd Garrison, um dos abolicionistas mais influentes da época, foi fundamental para moldar suas convicções antiescravagistas. Himes não era contra a escravidão de forma distante; ao contrário, estava ao lado de Garrison como um defensor precoce, abraçando completamente o apelo de Garrison por uma emancipação imediata e sem concessões.

Essa postura contrastava fortemente com o modelo amplamente aceito de emancipação gradual e repatriação, promovido por organizações como a *American Colonization Society*. Garrison observou que Himes “muito cedo se declarou abolicionista, e tem sido um fiel apoiador do movimento antiescravocrata, nunca se envergonhando de mostrar suas cores, nunca vacilando na hora mais sombria de sua história” (GARRISON, 1843, p. 3, tradução nossa). Com essa dedicação, Himes demonstrou disposição para correr grandes riscos, mantendo-se firme na oposição às normas sociais e à reação pública.

A lealdade de Himes aos princípios abolicionistas era tão profunda que ele os priorizou, mesmo quando isso lhe custou profissionalmente. Muitos membros da congregação da Primeira Igreja Cristã, onde ele foi inicialmente pastor, criticaram seu envolvimento em causas sociais, argumentando que seu trabalho pastoral e a qualidade dos sermões sofreram como resultado. Em vez de recuar de seus compromissos reformistas, Himes optou por deixar a igreja e formou a Segunda Igreja Cristã com um grupo de membros mais jovens e progressistas que compartilhavam sua visão.

Essa nova congregação estabeleceu a *Chardon Street Chapel*, que rapidamente se tornou um centro importante para várias reuniões e encontros reformistas, preenchendo sua capacidade de 500 lugares com ativistas e membros da igreja com ideias semelhantes. Como um local inclusivo de encontros, a *Chardon Street Chapel* refletiu a crença de Himes na união entre fé e reforma social, mostrando seu compromisso em criar uma comunidade espiritual que não fosse apenas voltada para dentro, mas também sensível às injustiças do mundo ao seu redor ([ARTHUR, 1993, p. 14-16](#)).

Além disso, o ativismo de Himes se estendia à sua vida pessoal. Ele envolveu sua família em suas causas, como pode ser visto quando sua esposa, Mary, se juntou à *Women's Anti-Slavery Society*. A dedicação compartilhada ao movimento foi simbolizada pelo fato de terem dado a um de seus filhos o nome de William Lloyd Garrison Himes, em homenagem ao vínculo entre Himes e Garrison e à sua posição unida contra a escravidão ([Ibid, p. 17](#)). O envolvimento de Himes no movimento também se estendeu à sua participação na Sociedade da Não-Resistência. Como parte de seu comitê executivo, ele coassinou uma carta pública em 1840, apoiando a decisão da *American Anti-Slavery Society* de alinhar os direitos das mulheres com a abolição — uma medida controversa, mas que mostrava o compromisso mais amplo de Himes com a igualdade e a justiça ([HIMES, 1840, p. 124](#)).

Apesar de seu forte envolvimento em causas reformistas, o papel principal de Himes no Movimento Millerita também definiu grande parte de sua vida. Até o final de 1840, Himes se tornara o principal promotor e responsável pela mensagem millerita, um papel que se intensificou a ponto de começar a substituir muitas de suas outras atividades. Sua parceria com William Miller, o fundador do Movimento Millerita, desenvolveu-se em uma estreita relação de trabalho, marcada por respeito e confiança mútuos. Miller confiava a Himes as questões relacionadas à promoção e gestão, enquanto Himes respeitava os insights espirituais de Miller. A paixão e o compromisso de Himes com a

causa o levaram a dedicar todos os recursos disponíveis para garantir que a mensagem millerita chegasse ao maior número de pessoas possível. Sua natureza modesta, como descrita por seus colegas, mostrava que sua ascensão à proeminência foi impulsionada pelo compromisso e não pela busca de poder pessoal (ARTHUR, 1993, p. 39).

Ao longo de sua carreira, Joshua V. Himes exemplificou a interseção entre fé e reforma social. Sua história mostra como crenças profundamente enraizadas podem levar as pessoas a se oporem às normas sociais, defendendo causas que, à primeira vista, podem parecer radicais ou até impossíveis. A dedicação de Himes à abolição, juntamente com seu papel no Movimento Millerita, o estabeleceu como uma figura de convicções firmes e um líder disposto a enfrentar a oposição para defender o que ele via como imperativos divinos e morais.

3.4 Charles Fitch

Charles Fitch (1804–1844) foi um ministro e pregador notável cujas contribuições moldaram significativamente o Movimento Millerita do século XIX. Conhecido por seus sermões envolventes e escritos persuasivos, ele defendeu com paixão a crença no retorno iminente de Cristo. Fitch é especialmente lembrado por seu papel influente na criação do gráfico profético de 1843, uma ferramenta visual essencial usada para explicar a escatologia millerita. Sua pregação fervorosa e métodos inovadores fizeram dele uma figura chave no impulso do renascimento millerita, deixando um impacto duradouro na expansão e no legado teológico do movimento (GOMIDE; MORGAN, 2020).

As crenças de Fitch iam além da teologia, abordando também questões de reforma social. Na metade da década de 1830, ele estabeleceu uma conexão próxima com Charles Finney, uma figura proeminente do Segundo Grande Reavivamento, e foi responsável pelo sermão de inauguração do *Broadway Tabernacle* em Nova York. Apesar de enfrentar oposição violenta de grupos contrários à integração racial, os esforços de Fitch refletiam seu compromisso com o ideal de igualdade (*Ibid.*).

Em 1837, Fitch publicou o panfleto *Slaveholding Weighed in the Balance of Truth*, no qual criticava duramente a escravidão e aqueles que a aceitavam. Sua forma de se expressar era tão enfática que alguns a consideravam até mais radical do que a de William Lloyd Garrison (KNIGHT, 1993). Embora Fitch discordasse das críticas de Garrison aos

clérigos e de algumas de suas estratégias de reforma, ele continuou sendo um abolicionista reconhecido, tendo coassinado o *Appeal of the Clerical Abolitionists* e defendido ações imediatas contra a escravidão ([GRAYBILL, 1993](#)). Sua dedicação ao abolicionismo exemplificava a interseção entre fé e ativismo social entre os líderes milleritas.

4. O Legado dos Milleritas Abolicionistas para Igreja Adventista do Sétimo Dia

O Movimento Millerita, que pregava a volta de Jesus em 1844, culminou com o que ficou conhecido como o Grande Desapontamento. O dia 04 de outubro, a data marcada para o segundo advento, passou, e Jesus não apareceu, “O desapontamento foi algo terrível para os crentes; mas, no fim de outubro, a carga adicional por ter de enfrentar um mundo escarnecedor complicou a vida dos mileritas” ([KNIGHT, 2015, p. 202](#)). Alguns milleritas desanimaram na fé, outros voltaram para suas igrejas de origem, e um grupo continuou estudando as profecias para entender o que havia ocorrido em outubro de 1844. Dentre estes estavam os pioneiros que viriam posteriormente fundar a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Ellen G. White, cofundadora e profetisa da Igreja Adventista do Sétimo Dia, teve uma visão em que predisse que haveria uma guerra com grandes exércitos, que haveria muitos mortos, e causaria muita aflição e angústia. Loughborough relatou que:

No sábado, dia 12 de janeiro de 1861, ocorreu a inauguração da Igreja Adventista do Sétimo dia de Parkville, Michigan. Essa data estava exatamente a três meses do dia em que foi disparada a primeira arma em Fort Sumter – evento que marcou a abertura da guerra que resultou na libertação de 4 milhões de escravos africanos na América. O culto contou com a presença do irmão White e sua esposa, os irmãos Waggoner, Smith e o escritor. Quando Tiago White encerrou seu sermão, Ellen White deu uma comovente exortação, e sentou-se em angústia. Enquanto nessa posição, foi tomada em visão ([LOUGHBOROUGH, 2014, p. 286](#)).

Em sua visão, Ellen White relata: “As pessoas estão caçoando da ordem de secessão da Carolina do Sul, mas acaba de me ser mostrado que um grande número de Estados vão se unir àquele Estado e haverá uma guerra muito terrível” ([LOUGHBOROUGH, 2014, p. 286 apud WHITE, 1861](#)). Ellen White vivenciou este momento da história, viveu na América escravocrata, quando o preconceito entre brancos e negros atingiu seu nível máximo, e na América após a abolição da escravatura; mas ela

sempre foi a favor da igualdade de tratamento entre as raças. Embora não haja registros de que ela tenha participado de algum movimento abolicionista diretamente, ela fala em seus escritos que “Somos uma irmandade... Devemos tratar as pessoas não brancas com o mesmíssimo respeito com que tratamos as brancas. E podemos agora, por preceito e pelo exemplo, ganhar outros para o mesmo procedimento” ([MANUSCRITO 7, 1896](#)), corroborando, assim, com o mesmo pensamento dos que lutaram pelo fim da escravidão. Ela também fala sobre a oportunidade de salvação estar estendida a todas as pessoas:

Todos aqueles dentre a família humana que se entregam a Cristo, todos aqueles que ouvem a verdade e lhe obedecem, tornam-se filhos de uma só família. O ignorante e o sábio, o rico e o pobre, o gentio e o escravo, brancos ou negros — Jesus pagou o resgate de sua alma. Se crerem nEle, é-lhes aplicado o Seu sangue purificador. O nome do homem de cor é escrito no livro da vida ao lado do nome do homem branco. Todos são um em Cristo. A origem, a posição, a nacionalidade ou a cor não podem elevar ou degradar os homens. O caráter faz o homem. Se uma pessoa de pele vermelha, um chinês ou um africano entregar o coração a Deus, em obediência e fé, Jesus não o amará menos devido a sua cor. Considera-o Seu irmão amado ([WHITE, 1986, p. 488](#)).

Ellen White entendia e ratificava o que a Bíblia diz por meio de Paulo: “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gálatas 3:28, NVI). O pensamento da profetiza representa o que é hoje o ensinamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia:

A religião da Bíblia não reconhece nenhuma casta ou cor. Ela não faz caso de posição social, riqueza, honra mundana. Deus avalia os homens como homens. Para ele, o caráter decide seu valor. E devemos reconhecer o Espírito Santo em todo aquele em que Ele é revelado ([WHITE, 2006, p. 223](#)).

O legado deixado pelos pioneiros abolicionistas e pelos inscitos inspirados de Ellen White para igreja e para a sociedade contemporânea nada mais são do que a expressão da vontade de Deus. Ele deseja que seus filhos vivam em harmonia, igualdade, em busca de um único propósito: a salvação de suas almas. Todas as lutas dos pioneiros naquele momento sombrio da história alcançaram por fim êxito. Apesar das sequelas inegavelmente existirem até os dias de hoje, podemos dizer que os abolicionistas venceram e a escravidão já não tem lugar na democracia norte-americana.

5. Considerações Finais

A escravidão foi resultado da busca pela expansão e acúmulo de riquezas nos Estados Unidos da América, especificamente no Sul, nas lavouras de algodão. Metade de um país inteiro praticava, defendia e lutava para ter pessoas, seres humanos, a serviço do seu enriquecimento, como suas posses, suas propriedades. Aquilo que hoje é considerado como crime era considerado normal, comum e até necessário para o crescimento e expansão da nação. Morte, torturas e estupros eram práticas comuns; causando dor e sofrimento a pessoas inocentes, que nada fizeram para estarem naquela situação, somente pelo fato de terem nascido com a pele de uma cor diferente daqueles que se consideravam uma raça suprema, os brancos.

Entretanto, nem todos os brancos eram a favor da escravidão. Homens religiosos e não religiosos se uniram em movimentos abolicionistas para deter os crimes praticados contra a humanidade. Alguns milleritas ganham destaque, pois além de combaterem as injustiças raciais, também pregavam que Jesus em breve voltaria.

Pioneiros milleritas, como William Miller, Joshua Himes, Charles Fitch e Joseph Bates se destacaram como líderes visionários. Eram corajosos, dotados de mentes fortes e incansáveis no trabalho, demonstraram uma dedicação implacável ao Movimento Millerita. Embora estivessem focados na mensagem do advento, também se preocuparam quanto à justiça social e questões terrenas, buscando garantir que todos fossem tratados com igualdade, mesmo enquanto aguardavam o retorno imediato de Cristo.

Finalmente, vemos o reflexo das ações abolicionistas e milleritas na formação dos princípios da Igreja Adventista do Sétimo Dia, especialmente nas instruções de Ellen White, consideradas divinamente inspiradas pela mesma. Como importante cofundadora da igreja, Ellen White enfatiza em seus escritos a ideia de que todo ser humano, independentemente de sua origem racial, deve ser respeitado e tratado com dignidade, pois todos somos filhos do mesmo Pai, e fomos todos resgatados pelo sacrifício de Jesus. Assim, entende-se que toda forma de escravidão deve ser repudiada, e o que deve prevalecer na sociedade é o trabalho digno, a igualdade e o amor pelo semelhante, até que Jesus realmente volte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTHUR, N. **Joshua V. Himes and the Cause of Adventism**. In: NUMBERS, Ronald

BAPTIST, Edward E. **A metade que nunca foi contada: a escravidão e a construção do capitalismo norte-americano**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

BATES, J. **As Aventuras do Capitão José Bates**. Jasper, Oregon: Adventist Pioneer Librry, 2017. Disponível em: <https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/As-Aventuras-do-Capitao-Jose-Bates.pdf>. Acesso em 30 out. 2024

BÍBLIA, N.T. Gálatas. In: **Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Nova Versão Internacional. Sociedade Bíblica Internacional, 1993.

CHEVALIER. **Lettres sur l'Amérique du Nord** . Vol. II. Paris: Ed. De Charles de Gosselin, 1836b.

CRISLER, C. C. **Life of Joseph Bates: an autobiography**. Washington: Review And Herald Publishing Association, 1927.

CROCOMBE, J. "A Feast of Reason": The Root's of William Miller Biblical Interpretation and its influence on the Seventh-day Adventist Church. Tese doutoral: The University of Queensland, Brisbane, Australia. 2011. Disponível em <https://espace.library.uq.edu.au/view/UQ:254202>. Acesso em 15 out. de 2024.

DOUGLASS, Herbert E. **Messageira do Senhor, o ministério profético de Ellen G. White**. 1ª ed. Tatuí. Casa Publicadora Brasileira, 2001.

FANTON M, MAIA T.V. **O significado do 4 de julho para o negro, de Frederick Douglass**. Civitas, Rev Ciênc. Soc. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1984-7289.2017.2.28302>>. Acessado em 25 de novembro de 2024.

GARRISON, William Lloyd. **The Liberator: The Second Advent, No. 1**. Boston: J. B. Yerrinton & Son, 10 fev. 1843. p. 3

GOMIDE, Samuel; MORGAN, Douglas. **Encyclopedia of Seventh-Day Adventist: Charles Fitch (1804–1844)**. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=A9AJ>. Acesso em: 21 nov. 2024.

GRAYBILL, Ronald D. **The Abolitionist-Millerite Connection**. In: NUMBERS, Ronald L.; BUTLER, Jonathan M. **The Disappointed: Millerism and Millenarianism in the Nineteenth Century**. 2. ed. Knoxville: The University of Tennessee Press, 1993. p. 138-152.

HIMES, J. V. **Letter to Captain J. Bates, Liberator**, Boston, p. 34, 28 fev. 1835.

IZECKSOHN V. **Escravidão, federalismo e democracia: a luta pelo controle do Estado nacional norte-americano antes da Secessão**. Topoi. Rio de Janeiro, 2003 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-101X004006002>. Acesso em 14 nov. 2024.

KNIGHT, George R. **Adventismo, Origem e Impacto do Movimento Milereita**. 1ª ed. Tautí. Casa Publicadora Brasileira, 2015.

KNIGHT, George R. **Millennial Fever and the End of the World**. Boise: Pacific Press, 1993. p. 107.

LOUGHBOROUGH, John N. **O Grande Movimento Adventista**. São Paulo: Adventist Pioneer Library, 2014.

MARQUES L. **O tráfico interestadual de escravos nos Estados Unidos em suas dimensões globais, 1808-1860**; Revista Tempo | Vol. 23 n. 2, maio de 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2017v230208>. Acesso em 11 nov. 2024.

MARQUESE R. de B., PARRON T. P. **Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão**. Rio de Janeiro 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-101X012023006>. Acesso em 12 nov. 2024.

MORGAN, Douglas. **Encyclopedia of Seventh-Day Adventist: Joseph Bates (1792-1872)**. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=88Y2>. Acesso em: 17 nov. 2024.

MORGAN, Douglas. **Encyclopedia of Seventh-Day Adventist: Joshua Vaughan Himes (1805-1895)**. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=49HD>. Acesso em: 20 nov. 2024.

NEGRO A.L. **A lavoura do algodão no sul dos Estados Unidos antes da Guerra Civil: uma história de amor global entre capitalismo e escravidão**. Rev Bras Hist [Internet]. 2021Aug;41(87):387–96. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-20>. Acesso em 13 nov. 2024.

SANTOS, Junior V. D. dos. **A democracia na América: perspectivas francesas sobre o governo de Andrew Jackson nos Estados Unidos da década de 1830**. Rev Bras Hist [Internet]. 2024; 44(96): e 279476. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472024v44n96-09>. Acesso em 11 nov. 2024.

WHITE, Ellen G. **Manuscrito 7**, 1896. Disponível em [https://egwritings.org/read?panels=p11098.2072\(11098.2073\),p14061.5535001\[-:0:-\],p57.47\[-:1:-\]&index=0](https://egwritings.org/read?panels=p11098.2072(11098.2073),p14061.5535001[-:0:-],p57.47[-:1:-]&index=0). Acesso em 25 de nov. 2024.

WHITE, Ellen G. **Mensagens Escolhidas II**. Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, 1986.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a Igreja**. Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, 2006.